

Não há muito tempo, numa conferência a que assisti num liceu¹, senti que o orador escolhera um tema que lhe era pouco familiar, de modo que não despertou tanto o meu interesse quanto poderia. Falou de coisas que não estavam no seu coração, nem perto dele, mas que se encontravam apenas nas suas extremidades e à superfície. Na palestra não havia, neste sentido, nenhuma ideia verdadeiramente central ou centralizadora. Teria preferido que ele tivesse falado das suas experiências mais pessoais, como

¹ Sociedade para a promoção da educação literária, científica e cultural. Os liceus, criados em meados do século XIX, propunham-se melhorar o tecido social, intelectual e moral da sociedade, tendo-se espalhado por todas as pequenas cidades dos Estados Unidos da América. O circuito dos liceus constituía uma actividade muito popular, e em alguns casos bem paga, para os conferencistas. (N.T.)

faz o poeta. A maior homenagem que alguma vez me prestaram ocorreu quando alguém me perguntou o que eu pensava e escutou com atenção a minha resposta. Fico surpreendido, e mesmo encantado, quando isso acontece, tão raro é que as pessoas façam uso de mim, como quem está familiarizado com o instrumento. Em geral, se alguém quer alguma coisa de mim, é apenas para saber quantos hectares medi da sua terra — pois sou agrimensor — ou, quando muito, as notícias corriqueiras que me ocupam o espírito. Nunca se interessam pela minha substância; preferem a casca. Uma vez, um homem veio de longe para me pedir que falasse sobre a escravatura; porém, ao conversarmos, apercebi-me de que ele e o seu grupo pretendiam encarregar-se de sete oitavos da palestra, deixando apenas um oitavo para mim, de modo que recusei. Por princípio, quando sou convidado para falar em qualquer lado — e tenho alguma experiência nesse campo —, presumo que desejam ouvir o que penso sobre um dado assunto, ainda que eu possa ser o maior idiota do país, e não que diga apenas coisas agradáveis ou

com as quais o auditório esteja de acordo; e, sendo assim, proponho-me administrar-lhes uma forte dose de mim mesmo. Procuraram-me, comprometeram-se a pagar-me, e estou determinado a que me aturem, por mais enfado que lhes cause.

De modo que, caros leitores, é algo de semelhante o que tenho para vos dizer. Uma vez que são meus leitores, e que eu não tenho sido um grande viajante, não vou falar de pessoas que se encontram a milhares de quilómetros de distância, mas sim aproximar-me o mais possível de casa. Como o tempo escasseia, deixarei de lado toda a lisonja e cingir-me-ei às críticas.

Debrucemo-nos sobre a maneira como vivemos as nossas vidas.

Este mundo é um lugar de labuta. Que azáfama! Sou acordado quase todas as noites pelo arquejar da locomotiva. Isso interrompe os meus sonhos. Não existe sabat. Seria magnífico ver a humanidade, por uma vez, desfrutar do lazer. Já só há traba-

lho, trabalho e mais trabalho. Já não é fácil comprar um caderno liso para escrever as minhas reflexões; agora são quase todos pautados para inscrever os dólares e os cêntimos. Um irlandês, vendo-me tomar umas notas no meio do campo, logo se convenceu de que eu estava a fazer contas aos meus honorários. Se uma pessoa tiver sido atirada pela janela em criança, ficando inválida para toda a vida, ou houver perdido o juízo por terror dos índios, o que se lamentará acima de tudo será o facto de ela ter ficado incapacitada para o trabalho! Penso que não há nada, nem sequer o crime, mais contrário à poesia, à filosofia e à própria vida do que esta incessante labuta.

Nos arrabaldes da nossa cidade há um indivíduo rude e violento que ganha muito dinheiro e que pretende construir um muro no sopé da colina que bordejia o seu prado. As autoridades meteram-lhe isso na cabeça para o impedir de fazer tropelias, e ele agora quer que eu gaste ali três semanas a ajudá-lo a cavar. O resultado será provavelmente que ele vai acumular ainda mais algum dinheiro para deixar

aos seus herdeiros, que o irmão esbanjar sem tino. Se eu anuir, a maioria das pessoas elogiar-me-á como alguém diligente e trabalhador; mas se eu decidir dedicar-me a certas tarefas verdadeiramente mais proveitosas, ainda que me proporcionem pouco dinheiro, elas sentir-se-ão porventura inclinadas a considerar-me um preguiçoso. No entanto, como não tenho necessidade de que a polícia do trabalho absurdo controle o que faço e não vejo no empreendimento deste homem nada de garantidamente mais louvável do que em muitos projectos dos governos, do nosso ou dos estrangeiros, por mais divertido que lhe pareça a ele ou a eles, prefiro completar a minha educação numa escola diferente.

Se um homem passear nos bosques por amor a estes durante metade de cada dia, arrisca-se a que o vejam como um mandrião; mas se passar todo o dia em actividades especulativas, arrasando as florestas para tornar a terra nua antes de tempo, será considerado um cidadão diligente e empreendedor. Como se o único interesse que uma cidade tivesse nos seus bosques fosse cortá-los!